

## **Rojava: Realidade e retórica**

**Gilles Dauvé e Tristan Leoni**

Fonte: <http://www.troploin.fr/node/83>

Quando as pessoas tomam as coisas em suas próprias mãos para sobreviver, elas abrem a possibilidade de mudança social.

O que está acontecendo em Rojava desde 2012 é uma tentativa de mudança social, principalmente por causa de um papel diferente para as mulheres.

Os curdos são forçados a fazer sua própria história em condições que só podem ser aplicadas no turbilhão de uma guerra civil internacionalizada - uma situação nada ideal para a emancipação.

### **Da apatridia à construção da nação**

A narrativa do movimento de independência curdo está bem documentada: sua geografia que se sobrepõe a quatro países (Turquia, Síria, Iraque e Irã), sua divisão entre partidos rivais, a propensão desses partidos a jogar um país vizinho contra outro, às vezes uma superpotência contra outra, as terríveis consequências dessas alianças inconstantes, sua dependência de uma grande diáspora na Europa, sua resistência à repressão e aos conflitos internos, sua capacidade de sobreviver aos altos e baixos da política internacional igualada à sua incapacidade de criar um Estado nacional. Às vezes, há uma linha tênue entre a sobrevivência e as tendências suicidas.

Até 2003.

Em seguida, três eventos importantes mudaram o cenário para os curdos e, entre outros efeitos, remodelaram o PKK, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão na Turquia.

Primeiro, depois de 2003, a divisão do Iraque em três partes desarticuladas: sunita, xiita e, no norte, o Governo Regional do Curdistão, governado pelo PDK, liderado pelo clã Barzani, mais parecido com um protetorado ocidental, na verdade.

Em segundo lugar, o Estado sírio, enredado em conflitos civis e divisões sectárias, perdeu o controle de grande parte do país, inclusive das áreas curdas.

Em terceiro lugar, os jihadistas sunitas capturaram uma grande faixa do território sírio e ameaçaram a sobrevivência da população curda. Portanto, foi o surgimento do ISIS/Daesh que finalmente colocou os curdos em primeiro plano. (ISIS é o acrônimo em inglês para Estado Islâmico no Iraque e na Síria, Daesh é o acrônimo em árabe para Estado Islâmico no Iraque e no Levante).

Se o ISIS fosse apenas um perigo para a vida de centenas de milhares de pessoas, o Ocidente não estaria fazendo mais do que tem feito desde 2011 para impedir que o regime de Assad massacre sua própria população. Na verdade, o ISIS é uma ameaça ao equilíbrio político regional e aos interesses petrolíferos, de modo que o Ocidente está fazendo o possível para impedir que o ISIS domine a área e seus poços de petróleo. O ditador Assad agora parece ser um mal menor do que os jihadistas incontroláveis. O apoio implícito dos EUA a um regime que os EUA estavam pensando em bombardear até a submissão há alguns anos não é nenhuma surpresa: desde 1970, a política americana em relação à Síria mudou mais de meia dúzia de vezes, e nenhuma dessas reviravoltas teve algo a ver com o fato de os governantes de Damasco estarem matando e torturando mais ou menos. Para as potências dominantes, os efeitos colaterais do caos regional precisam ser contidos, apoiando Assad, se necessário, até mesmo consolidando uma pátria curda.

Nas áreas curdas do norte da Síria, uma aliança popular implícita (ou seja, transclasse) foi formada depois de 2011 para autogerenciar um território abandonado pelas autoridades sírias e, em 2014, para defendê-lo contra a ameaça mortal do ISIS. A resistência combina antigos laços tradicionais e novos movimentos, especialmente o das mulheres, em uma comunidade de trabalho de proletários e elementos da classe média, consolidada pela ênfase em uma nação curda comum.

Foi estabelecido um interior autônomo: Rojava (*oeste* em curdo), composta por três cantões não contíguos (Afrin, Kobane e Cizire) no norte da Síria, ao longo da fronteira com a Turquia. Tem cerca de 18.300 quilômetros quadrados, com uma população estimada em 4,6 milhões em 2014. (Em comparação, o País de Gales tem 20.700 quilômetros quadrados, com mais de 3 milhões de habitantes.) Depois que os militares oficiais sírios saíram, houve alguns combates entre o Exército Livre da Síria e os curdos, que os repeliram. Existe agora "uma espécie de acordo não escrito pelo qual o regime sírio deixa a Rojava alguma autonomia em troca da neutralidade curda síria na guerra civil em curso" (Lato Cattivo: bibliografia no final do texto)

Nessas áreas, uma maioria curda coexiste com vários outros grupos "étnicos", todos reprimidos no passado pelo Estado iraquiano. A desintegração da lei e da ordem oficiais na região criou um vácuo de poder no norte da Síria e deu origem a uma organização popular de base, coordenada sob o nome de Tev-Dem (Movimento da Sociedade Democrática).

A ação das pessoas comuns rompeu impasses políticos e sociais. A partir daí, o que acontece?

### **Autodefesa**

"Uma vasta nuvem de "movimentos" - armados e desarmados, e oscilando entre o banditismo social e a atividade guerrilheira organizada - atua nas zonas mais miseráveis do ferro-velho capitalista global, apresentando traços semelhantes aos do atual PKK. De uma forma ou de outra, eles tentam resistir à destruição de economias de subsistência já marginais, à pilhagem de recursos naturais ou à mineração local, ou à imposição da propriedade fundiária capitalista que limita ou impede o acesso e/ou o uso. (...) podemos citar aleatoriamente casos de pirataria nos mares da Somália, o MEND na Nigéria, os naxalitas na Índia, os mapuches no Chile. (...) é essencial entender o conteúdo que eles têm em comum: *autodefesa*. Uma autodefesa que também pode ser considerada vital, mas que não difere *em sua natureza* do que é expresso em qualquer ação industrial destinada a proteger os salários ou as condições de trabalho daqueles que a animam. Assim como seria um truque passar uma luta salarial, mesmo que extremamente feroz e ampla, como um "movimento revolucionário", é igualmente falacioso sobrecarregar esse tipo de autodefesa praticada por populações exaustas com um significado inerentemente revolucionário." (Lato Cattivo)

A autodefesa implica em auto-organização. O que temos em Rojava é :

"(...) um movimento real contra a pilhagem e a coerção do Estado, lutando militarmente em suas fronteiras e internamente por meio da difusão do poder dentro delas. Os limites das lutas em Rojava, nesse sentido, são os das lutas em todos os lugares onde a relação entre a força de trabalho e o capital se tornou uma questão de repressão e de lutas que tomam essa repressão como ponto de partida. Essas lutas ocorrem longe das fortalezas da reprodução do capital e não são direcionadas para derrubar as relações de exploração." (Becky)

A questão toda é se a autodefesa em Rojava tem sido - ou pode se tornar - o caminho para uma reviravolta nas relações de produção. Mas, primeiro, um pouco sobre o nacionalismo.

### **A nação tem um novo rosto**

<sup>s</sup>Os movimentos de libertação nacional do século XXI são muito diferentes do que costumavam ser quando o colonialismo estava chegando ao fim e a Guerra Fria entre os EUA e a URSS eclodiu em guerras locais por procuração, com uma grande variedade de alianças inconstantes e milhões de mortes. O povo curdo pagou o preço por isso, ainda mais porque os curdos estão divididos entre quatro países. No entanto, a profunda mudança na agenda nacionalista não se deve a considerações humanitárias, a um compromisso com a não violência ou a uma leitura da teoria crítica autêntica. Mais precisamente, seu plano anterior havia se tornado obsoleto.

Em suma, uma vez no poder, um programa típico da frente nacional era cortar os laços com a potência dominante (no Oriente Médio, a Grã-Bretanha até a década de 1940, os EUA mais tarde), buscar assistência de seu rival (a URSS) e desenvolver um crescimento indígena administrado pelo Estado com base na agricultura coletivizada e na indústria pesada. Pelo menos esse era o plano. Onde quer que não houvesse uma burguesia adequada, ou uma burguesia fraca, a libertação nacional optou por um capitalismo burocrático em vez de burguês, buscou receitas em Marx e Mao, não em Adam Smith e Keynes, e instalou um regime ditatorial liderado por um partido supostamente operário ou popular. O resultado foi mais ditadura do que desenvolvimento, mas isso é outra história. De qualquer forma, com o fim da URSS e o advento da globalização, isso se tornou impraticável. Assim, depois de defender o marxismo-leninismo, o guevarismo e o terceiro-mundismo, a libertação nacional adotou sua própria versão de alter-globalismo. O descrédito do nacionalismo socialista levou ao nacionalismo étnico que, no caso do PKK, se transformou em um apelo por uma nação multiétnica. Logicamente, essa nova linha também foi endossada pela filial do PKK na Síria, o PYD.

Como qualquer movimento político, a libertação nacional dá a si mesma a ideologia, os aliados e os alvos que pode almejar, e os modifica quando convém a seus interesses. Em 1903, em seu 6<sup>th</sup> congresso, conhecido como "Congresso de Uganda", o sionismo ainda estava debatendo se uma pátria judaica poderia ser encontrada na África. Em 1914, Pilsudski não escolheu entre o certo e o errado: ele apoiou o que achava

melhor para a independência polonesa e mudou de lado com a sorte da guerra. A lealdade de um nacionalista não é a uma classe ou credo, mas simplesmente ao que ele considera "seu povo" e ao seu próprio papel como líder desse povo. As lealdades flutuam e as doutrinas também.

Nunca julgue um livro ou a liberação nacional pela capa. No terreno, os quadros do PKK apoiarão um proprietário de terras ou um chefe porque ele tem influência na área. Eles também defenderão greves ou organizarão protestos se isso os ajudar a reunir a população local. Aqui, eles estarão do lado de formas rígidas de religião, e lá, do lado da tolerância. Hoje eles se apresentarão como tradicionalistas, amanhã como modernistas. Isso é política: o PKK defende o que aumenta sua base de poder. Na época em que afirmava fazer parte do socialismo mundial, não tinha tempo para hereges como Pannekoek ou Mattick, e optou pelo bem-sucedido marxismo-leninismo. <sup>th</sup>Quando defende o libertarianismo, não segue o exemplo de Makhno e prefere uma versão aceitável, provavelmente a mais moderada de todas atualmente, a doutrina Bookchin, que combina o socialismo municipal do século XX com a autoadministração e a ecologia.

Uma escolha bastante sensata. O PKK teve que reduzir suas ambições e o *municipalismo confederal* é a única ideologia política disponível para um partido que tem que se contentar com Estados e fronteiras porque não pode esperar criar seu próprio Estado com suas próprias fronteiras, o que significaria redesenhar à força as fronteiras de pelo menos dois países vizinhos. Fazendo da necessidade uma virtude, o PKK abandonou as referências de "classe" e "partido" e promove a autogestão, a cooperação, o comunalismo (não o comunismo), o antiprodutivismo e o gênero. David Graeber se alegrou com o fato de que no Curdistão as pessoas podem agora estar lendo Judith Butler. Um comentário muito pertinente. Desconstrução do sujeito político (ou seja, do proletariado como agente histórico), priorização de identidades, classe substituída por gênero... o PKK sem dúvida trocou o marxismo pelo pós-modernismo.

Falar de um "não-Estado" é um jogo de palavras. O PKK não desistiu do objetivo de todo movimento de libertação nacional. Embora tome muito cuidado para evitar o uso de uma palavra que soe autoritária demais, ele ainda tem como objetivo criar um aparato político centralizado de tomada de decisões no território curdo, e que palavra melhor para isso do que *Estado*? Com o argumento de que esse Estado seria tão democrático sob o controle de seus cidadãos que não mereceria mais o nome de Estado. Isso é tudo sobre ideologia.

No mundo real, o objetivo de uma forte autonomia interna aliada à vida democrática de base não é totalmente irrealista. Essa é a condição de várias regiões do Pacífico: o governo central não se importa que os habitantes locais mantenham sua sociedade rural costumeira, se autoadministrem em grande parte, vivam de uma economia baseada na subsistência ou caiam na pobreza, desde que não incomodem ninguém. Quando há minério ou petróleo em jogo, tudo muda e, se necessário, o exército é chamado, como aconteceu em Papua Nova Guiné. A Somalilândia tem alguns atributos de um Estado (sua própria polícia, moeda e economia), mas nenhum outro Estado a reconhece. Em Chiapas (cuja situação é frequentemente comparada à de Rojava), os zapatistas sobrevivem há vinte anos em uma semiautonomia regional, onde preservam sua cultura e seus costumes sem incomodar o Estado federal mexicano, desde que permaneçam onde estão. O levante zapatista talvez tenha sido o primeiro da era da alter-globalização, pois não tinha como objetivo garantir a independência ou transformar o país inteiro, mas preservar um modo de vida tradicional.

Quanto aos curdos, eles não vivem pacificamente em uma ilha, muitos deles são moradores de cidades, eles (in)felizmente possuem muito petróleo, o que eleva as questões mundiais e financeiras muito além de seu comando, e a região é dilacerada por conflitos intermináveis e governada por ditadores. Isso deixa pouca margem para Rojava... ou um lugar muito pequeno e *dependente*: sua viabilidade econômica é baixa, mas não inexistente, graças à possível receita futura do petróleo. O ouro negro já criou países fantoches como o Kuwait, um Estado rentista que desembolsa patrocínio a partir de riquezas subterrâneas, e o microestado curdo no Iraque deve sua existência exclusivamente a seus poços de petróleo. Em outras palavras, o destino de Rojava depende menos da mobilização de seu povo do que da interação entre as grandes empresas e os poderes dominantes.

Se o PKK não exige mais seu *próprio* Estado (ele não pode tê-lo), ele quer regiões curdas autogovernadas e federadas em vários Estados, começando pela Síria (cuja "integridade territorial" o *Contrato Social* de Rojava reconhece). Ainda não se sabe o que uma confederação de três ou quatro zonas autônomas transfronteiriças estendidas por pelo menos três países implicaria para a população. A coexistência de autonomias não elimina a estrutura política central que as une. Em nenhum lugar as zonas transfronteiriças, como a da linha Oder-Neisse na Europa, jamais diminuíram o poder estatista. O aparato central de "lei e ordem" delega alguns de seus deveres às autoridades locais. É assim que um Estado moderno governa.

## "Construção de uma nação democrática"

Embora as palavras não sejam tudo, na política, muito está nas palavras. <sup>th</sup>Os redatores do *Contrato Social* de Rojava desejavam evitar o termo *constituição*, que os lembrava das revoluções estatistas, mas a redação que escolheram ecoa o Iluminismo do século XVIII. Em sua busca pelas raízes do pensamento antiautoritário, eles passaram por Bakunin e encontraram Rousseau. Seu *Contrato Social* parece uma versão modernizada de declarações de intenções revolucionárias burguesas do passado.

A data é 2014, portanto seu Preâmbulo leva em conta "a igualdade e a estabilidade ambiental" e deseja "uma sociedade livre de autoritarismo, militarismo, centralismo e intervenção da autoridade religiosa nos assuntos públicos". Esse último ponto contradiz o artigo 86, que diz que os membros da Assembleia Legislativa farão seu juramento de posse "em nome de Deus Todo-Poderoso". Antes de julgar, lembremos que na Câmara dos Comuns britânica, até 1888, os deputados tinham que fazer um juramento que excluía dissidentes protestantes, católicos e ateus.

Agora vamos ao cerne da questão. Rojava se baseará na "coexistência e entendimento mútuos e pacíficos entre todas as camadas da sociedade". Vertentes, estratos, grupos sociais, classes... A tradução francesa diz *camadas* ("couches"). Obviamente, não devemos entender que Rojava é desprovida de divisão social. Isso significa simplesmente que, desde que sejam cidadãos de Rojava, todos os seus habitantes podem *e devem* viver juntos em paz. Não há espaço para o reconhecimento da luta de classes no que equivale a nada mais do que uma constituição democrática.

Rojava nos dá o mesmo discurso de uma revolução burguesa. Na Declaração Francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, o direito de "resistência à opressão" era explícito, mas acompanhava o direito à propriedade. A liberdade era completa... dentro dos limites da lei. O mesmo em Rojava: o artigo 41 prevê o "direito ao uso e gozo da propriedade privada", exceto "por razões de utilidade pública ou interesse social". O que *a propriedade* significa socialmente não é que qualquer pessoa tenha direito à posse e ao uso de suas próprias roupas, quarto ou bicicleta. Significa que aqueles que possuem os meios de produção podem contratar a mão de obra daqueles que possuem apenas suas roupas, seu quarto ou sua bicicleta. É disso que se trata a classe. Once that social frame is established, as it was in France, 1789, and as it is in Rojava, 2014, nearly everything else can be granted or promised : "separation of powers", "independence of the judiciary", "ecology balance", "freedom of speech",

women's "inviolable right to participate in political, social, economic and cultural life", "the elimination of gender discrimination", the "right to peaceful assembly" and "peaceful protest, demonstration and strike", "national resources " as "public wealth" and "extractive processes (..) regulados por lei", "todos os prédios e terrenos são propriedade pública", pelo menos 40% de mulheres em "todos os órgãos, instituições e comitês governamentais", nenhuma pena de morte, nenhum trabalho infantil, o direito a "asilo político", a garantia de que "nenhum civil será julgado por qualquer tribunal militar ou por tribunais especiais ou ad hoc" e que nenhuma busca domiciliar será realizada sem um mandado adequado, um sistema educacional sem "princípios racistas e chauvinistas", a "separação entre religião e Estado" (embora o Juramento...). Se, em uma emergência, "a lei marcial pode ser invocada e revogada por uma maioria qualificada de 2/3 do Conselho Executivo", "a decisão deve então ser apresentada e adotada por unanimidade pela Assembleia Legislativa". Um dos 22 órgãos do Conselho Executivo é especializado em "Família e Igualdade de Gênero".

Como salvaguarda contra o domínio curdo sobre as minorias árabes, assírias, armênias e chechenas, Rojava promete incentivar uma "Unidade na diversidade" multiétnica. Mais uma vez, isso ressoa como um eco distante da revolução democrática: *E pluribus unum* ("um entre muitos") estava no selo dos EUA desde 1782 e era o lema de fato dos EUA, até que o Congresso adotou "Em Deus nós confiamos" em 1956. Poderia Rojava ser mais "secular" do que a América contemporânea?

A governança moderna politicamente correta não poderia pedir mais (só faltam os direitos dos animais). No entanto, não há supervisão no que diz respeito ao recrutamento: todo cidadão de Rojava pode ser convocado para o serviço militar. Essa é uma das prerrogativas tradicionais de um Estado, que espera que aqueles que estão sob sua proteção ou domínio sirvam em seu exército. Na verdade, não se trata de um exército, mas das "Unidades de Proteção Popular (YPG)", que atuam apenas como uma força de "autodefesa" "contra ameaças internas e externas": como sabemos, qualquer poder político faz uso extensivo da noção de ameaça *interna*.

"Sem exagero, é a constituição mais democrática que o povo desta região já teve." (Sardar Saadi) É bem verdade. O *Contrato Social* de Rojava define uma sociedade de **iguais perante a lei**: cada homem ou mulher só se interliga com seus pares. A divisão social é deixada de lado, não há mais ricos ou pobres, burgueses ou trabalhadores, apenas cidadãos com direitos iguais: "um sistema democrático burguês

que é chamado de confederação democrática" (Zafer Onat). A democracia é a forma política mais adequada para reunir um povo socialmente dividido.

## **Mudança**

As "áreas de autogestão" não podem ser criadas por lei. Qual é a situação atual no campo?

Em todo o espectro político, observadores e visitantes relataram mudanças profundas na vida cotidiana. Primeiro, uma dispersão do poder, com uma série de iniciativas gerenciadas localmente e a administração de vilarejos por coletivos. Também um esforço para coletar e disseminar o conhecimento local (no que diz respeito à medicina, por exemplo) e para reconectar as pessoas à natureza, exames substituídos por educação interativa, mutualismo nas escolas para preencher a lacuna entre professor e aluno, vida comunitária (homens e mulheres) na universidade, comandantes eleitos na milícia, uma nova abordagem para a assistência médica com ênfase em métodos preventivos e mais holísticos que tratam a mente e o corpo ao mesmo tempo (com base no princípio de que a redução do estresse pode causar a diminuição de outras doenças), e a justiça feita em cada vilarejo por meio de um comitê eleito de mulheres e homens que medeia conflitos, decide a sentença e tenta reintegrar e reabilitar o infrator. Em outras palavras, um esforço para abolir *as separações*. Muito do que os reformadores e radicais ocidentais tentam implementar na Europa está sendo experimentado em Rojava.

Talvez a transformação mais notável diga respeito às relações entre os sexos. As escolas mistas são a norma. As mulheres não ficam mais em casa o dia todo. As reuniões são realizadas com a presença de pelo menos 40% de mulheres. Todos os corpos têm duas cabeças, a feminina e a masculina. O incentivo é dado a uma visão de mundo feminina e até mesmo a um novo campo de conhecimento, a *jinologia* ("ciência das mulheres"). Embora o feminismo tenha sido forte no movimento de libertação curdo por muito tempo, essas mudanças não são uma inovação pequena no Oriente Médio e, em alguns aspectos, a igualdade sexual parece mais avançada em Rojava do que na Europa.

No campo econômico, Rojava está tentando alcançar o autodesenvolvimento ideal. Sob o domínio sírio, a área tinha petróleo, mas não tinha refinaria, e trigo, mas não tinha moinho de farinha. A ênfase agora está na autossuficiência.

As aparências enganam. Como todos os profissionais experientes, o PKK e o PYD dominam a arte de projetar a imagem positiva de si mesmos que as pessoas de fora

desejam ver. Também é natural que os habitantes locais tentem impressionar os visitantes enfatizando o lado mais bem-sucedido de seu movimento. Mas nem tudo isso é fachada. A auto-organização *realmente* melhora a vida cotidiana de uma população anteriormente negligenciada e reprimida.

As assembleias comuns se reúnem regularmente com a presença de várias centenas de pessoas, não apenas sentadas, mas participando ativamente, com uma preocupação generalizada (pelo menos parcialmente colocada em prática) de que os escalões inferiores mantenham o controle sobre os superiores.

Embaixo e em cima... Isso nos aproxima do cerne da questão. O que está sendo debatido? Os conselhos populares tomam decisões sobre questões menores ou maiores?

A resposta está na pergunta. O sistema de conselho de Rojava é paralelo a um governo de transição (as transições podem ser intermináveis) que comanda uma guerra, negocia com países estrangeiros, reorganiza a cobrança de impostos, planeja a produção de petróleo etc., como qualquer instituição política central que governa um território. Em termos simples, um Estado. E ninguém jamais viu um Estado se dissolver em uma democracia direta local.

### **Um povo sem classe?**

<sup>th</sup>Como ocorre com frequência em situações semelhantes, o imperativo de autodefesa contra um perigo mortal (ISIS, neste caso) levou os curdos a formar uma frente comum, no sentido usual de ação conjunta, bem como no sentido político do século XX de uma *frente popular*. A solidariedade criou uma suspensão temporária das diferenças sociais, mas não sua obliteração.

Ninguém argumenta que a população conhecida como "os curdos" tem a sorte de ser o único povo do mundo que vive em harmonia serena. Como todos os outros povos, os curdos estão divididos em grupos com interesses conflitantes, em classes ou, se *a classe* cheira muito a marxismo, divididos entre dominantes e dominados, entre governantes e governados. Portanto, se um grande levante social está em andamento em Rojava, quando e como a classe dominante foi derrubada? Sabe-se que os grupos dominantes recorrem a todos os meios disponíveis, inclusive à luta armada, para permanecer no poder. Que intensa luta de classes os derrubou no Curdistão e deu início à mudança?

Embora seja improvável que um evento tão excepcional tenha passado despercebido, aqueles que acreditam em uma "revolução" em Rojava não sugerem

nenhuma resposta. A pergunta é tirada de cena. Bem, quase. Na verdade, eles têm uma explicação, resumida por David Graeber: "(...) os rojavanos têm uma vida bastante fácil em termos de classe, porque a verdadeira burguesia, como era em uma região predominantemente agrícola, decolou com o colapso do regime Baath. Eles terão um problema de longo prazo se não trabalharem no sistema educacional para garantir que um estrato tecnocrata desenvolvimentista não tente tomar o poder, mas, enquanto isso, é compreensível que estejam se concentrando mais imediatamente nas questões de gênero."

D. Graeber tem o grande mérito de resumir a mentalidade de uma grande parte da opinião radical. O que nos é dito aqui é que, embora a classe e o gênero geralmente sejam importantes, a prioridade de hoje em Rojava é o gênero porque a questão da classe foi (pelo menos temporariamente) resolvida com a saída da classe dominante. O que resta são as pessoas comuns, simplesmente *as pessoas*. Os rojavanos podem estar em uma situação difícil, mas conseguiram o que os reformadores radicais ocidentais tentam em vão: reunir 99% da população.

D. Graeber confunde uma classe com as pessoas que a compõem. É claro que a classe é de carne e osso, mas é muito mais do que isso, ela é feita de relações sociais. A burguesia não desaparece de uma área da qual os indivíduos burgueses fugiram. Na época da Comuna de Paris, a classe dominante deixou a cidade, mas sua estrutura de poder foi perpetuada durante aqueles dois meses: nos cofres do Banco da França e seus milhões de francos que os comunistas não tentaram confiscar e, fundamentalmente, na continuação da economia monetária e do trabalho assalariado. Em Rojava, não há sinal de que as classes mais baixas tenham abandonado a economia de mercado e o sistema de salários.

Os entusiastas de Rojava falam muito sobre capacitação e mudanças na esfera doméstica: eles nunca mencionam uma transformação das relações de exploração. Na melhor das hipóteses, nos dão exemplos de cooperativas agrícolas, têxteis, comerciais e de construção (que, segundo ouvimos, competem com empresas privadas), mas nunca lemos sobre um experimento de coletivização. Os poços de petróleo voltaram a funcionar, uma refinaria foi improvisada, mas não sabemos nada sobre as pessoas que trabalham lá.

Os órgãos governamentais estão organizando uma transição da monocultura para a autossuficiência alimentar: terras que antes eram propriedade do Estado estão sendo distribuídas para cooperativas agrícolas: os produtos são vendidos para a administração

ou no mercado com controle de preços. O pão é subsidiado. "O contrabando é enorme", relata Becky. Isso é confirmado por outros visitantes e é de se esperar: em regiões sem fronteiras fixas e devastadas pela miséria e pela guerra, os contrabandistas são comerciantes transfronteiriços ilegais. A extensão do contrabando mostra a resistência de uma economia de commodities, com seus empresários contratando mão de obra mal paga para fazer o trabalho. Onde as coisas são compradas e vendidas, os seres humanos - força de trabalho - também estão sendo comprados e vendidos. Não há igualdade nisso, e certamente há pouca crítica de gênero.

Como escreve Janet Biehl, defensora da "revolução" de Rojava: "Alguns rojavanos têm salários, mas muitos trabalham voluntariamente; outros ainda apenas ganham a vida, digamos, com uma vaca". Enquanto isso, as pessoas pagam pouco ou nenhum imposto de renda, e a receita do governo vem do petróleo. Em outras palavras, alguns rojavanos recebem um salário, alguns vivem com o dinheiro ganho em outro lugar, alguns vivem em uma economia de subsistência e o Estado não estatal vende petróleo. De uma forma ou de outra, o dinheiro está presente em todas as esferas da sociedade rojava.

De modo geral, os mercados estão abertos para os compradores em horários normais, o comércio e o artesanato estão funcionando, o que representa uma imensa melhora em relação à situação anterior. Zaher Bader visitou Cizire em maio de 2014 e acredita que uma revolução está ocorrendo no Curdistão sírio:

"Antes de deixarmos a região, decidimos conversar com lojistas, empresários, donos de barracas e pessoas no mercado para ouvir suas opiniões, que eram muito importantes para nós. Todos pareciam ter uma visão e uma opinião muito positivas sobre a DSA e a Tev-Dam. Eles estavam felizes com a existência de paz, segurança e liberdade e com a administração de seus próprios negócios sem nenhuma interferência de partidos ou lados."

Finalmente, encontramos uma revolução que não assusta os burgueses.

Ou talvez tudo dependa do que é a classe burguesa. Se D. Graeber reserva essa noção para a camada superior da elite governante, então ele está certo: provavelmente há muito poucos operadores de alta frequência e banqueiros comerciais residindo atualmente nos três cantões de Rojava. Portanto, para Graber, não há classe alguma a ser mencionada, apenas um povo.

No entanto, um homem que dirige uma empresa de transportes com uma frota de 5 caminhões e emprega uma força de trabalho de 15 pessoas é um burguês. Rojava é uma sociedade de classes.

A tese da "revolução social" está se desgastando, mas seus defensores dificilmente inventam fatos: seus próprios relatórios fornecem evidências suficientes para refutar suas alegações. A falha está no fato de não se fazer a pergunta correta:

"A situação também tem algo em comum com a trajetória das lutas em todo o mundo nos últimos anos. O Estado, agora um agente do capital global, é visto como a parte culpada pelos movimentos compostos pelas classes média e proletária. Enquanto isso, a nação é vista como a força que se opõe a ele. As lutas se reúnem sob a ideologia da cidadania (e as hierarquias de raça e gênero que isso pressupõe). A transformação que está ocorrendo em Rojava se baseia, até certo ponto, em uma identidade curda radical e em um contingente substancial da classe média que, apesar da retórica radical, sempre tem algum interesse na continuidade do capital e do Estado." (Becky)

### **Poder para o povo?**

A vida cotidiana é determinada pelas relações de produção: como acabamos de ver, as comunidades autogerenciadas e os órgãos de base de Rojavan estão sob o domínio de grandes e pequenos negócios.

"Quando os deuses querem nos punir, eles respondem às nossas preces", escreveu Oscar Wilde. Rojava realiza o sonho dos teóricos do empoderamento popular passo a passo. A ideia de J. Holloway de *mudar o mundo sem tomar o poder* parece se materializar no Curdistão sírio. Supõe-se que a sociedade seja transformada de baixo para cima por meio de uma variedade de mudanças graduais que tornarão o topo indefeso e inofensivo até que caia ou desapareça. Portanto, a polícia de Rojavan não é polícia, ela só pode ser uma não-polícia, uma antipolícia. Escreve D. Graeber:

"Em última análise - e isso é fundamental - as forças de segurança são responsáveis pelas estruturas de baixo para cima e não pelas de cima para baixo. Um dos primeiros lugares que visitamos foi uma academia de polícia (...). Todos tinham de fazer cursos sobre resolução não violenta de conflitos e teoria feminista antes de poderem tocar em uma arma. Os codiretores nos explicaram que seu objetivo final era dar a todos no país seis semanas de treinamento policial, para que, no final, pudessem eliminar a polícia."

A questão não é zombar de tal ingenuidade, mas perceber sobre o que ela se baseia: a crença de que não há nada a temer das antigas ou novas forças de repressão em Rojava, porque o poder real está com as pessoas nas bases, nas comunas e nos comitês locais, portanto, independentemente do que os funcionários do governo possam fazer, independentemente das manobras políticas que os aspirantes a líderes possam fazer, *nós somos a polícia*.

Não há como negar a materialidade das redes (às vezes multiétnicas) de bairros e vilarejos, de coletivos de mulheres, que lidam com muitas questões, triviais (disputas) ou grandes (escola, assistência médica, comércio local), bem como com as necessidades da guerra. Esse seria um componente indispensável de uma revolução social. Mas, nas circunstâncias atuais, esse governo comunitário funciona em paralelo a uma estrutura central que funciona como chefe político do país. Quem decide o quê? Quem dá as ordens? Essa é a questão. A alardeada autonomia da comuna é segura desde que não seja exercida, desde que não concorra com o governo. Administrar é uma coisa, tomar grandes decisões é outra. Nada mostra que os conselhos locais tenham alguma influência real na formulação de políticas. Chamar esse regime de "Administração Democrática Autônoma" não muda nada além das palavras. Quanto ao plano de realizar eleições livres o mais rápido possível, ele é tão bom quanto a democracia parlamentar pode ser.

### **Mulheres com armas**

Suponhamos que mudemos os nomes e as datas... Muitos dos elogios feitos a Rojava hoje, especialmente o que é visto como sua crítica radical de gênero, poderiam ter sido escritos na década de 1930 por observadores da vida fraterna e igualitária de pioneiros em pequenas comunidades sionistas na Palestina. Naquela época também, os visitantes e apoiadores ficaram impressionados com o papel totalmente novo das mulheres.

Nos primeiros kibutzim, a igualdade entre os sexos não era resultado apenas de ideias progressistas e socialistas. As necessidades materiais (agricultura e autodefesa) exigiam que não se privasse uma comunidade em dificuldades de metade de seu potencial de mão de obra e força armada. Para que as mulheres assumissem sua parte nas atividades agrícolas e militares, elas precisavam ser liberadas dos deveres "femininos", de modo que as crianças eram criadas coletivamente, uma novidade para muitos e um choque para alguns.

Não há nenhuma evidência disso em Rojava. Ter mulheres soldados não causa o fim da dominação masculina (se isso acontecesse, Israel seria um dos países com maior igualdade sexual do mundo). Z. Baher, um defensor da causa da "revolução" de Rojava, primeiro escreve que "Há total igualdade entre homens e mulheres", e depois acrescenta meia página depois: "Não vi uma única mulher trabalhando em uma loja, posto de gasolina, mercado, café ou restaurante". Nos campos de refugiados "autogerenciados" do outro lado da fronteira, na Turquia, as mulheres curdas cuidam das crianças enquanto os homens procuram trabalhos estranhos.

O caráter subversivo de um movimento ou organização não deve ser medido pelo critério da proporção de mulheres em armas. Tampouco seu caráter feminista. Desde a década de 1960, a maioria das guerrilhas usou ou ainda usa um grande número de mulheres combatentes, como na Colômbia, por exemplo. 25% das tropas sandinistas eram mulheres, o que não trouxe a liberdade das mulheres: o aborto é totalmente ilegal hoje na Nicarágua. A presença de mulheres é uma característica típica da guerrilha maoísta. No Nepal, no Peru e nas Filipinas, a estratégia de *guerra popular prolongada* exige a igualdade entre homens e mulheres como um meio de derrubar os laços tradicionais (familiares, feudais ou tribais), que são sempre patriarcais. O objetivo não é emancipar as mulheres, mas substituir o domínio dos anciãos da aldeia pelo domínio dos quadros do partido. O importante papel das mulheres no PKK-PYD se deve menos à influência feminista do que às origens maoístas do partido.

Por que a mulher de braços dados é tão facilmente tomada como símbolo de libertação, a ponto de desconsiderar *aquilo* pelo qual ela está lutando?

Se a foto de uma mulher com um lançador de foguetes pode ser notícia de primeira página nos tabloides ocidentais e nas revistas radicais, é porque ela rompe o mito (muito decaído) da natureza pacífica ou passiva inata feminina. O direito de usar armas (mesmo as de caça) é, há muito tempo, um privilégio masculino, portanto, reverter a tradição é visto como prova da excepcionalidade e do radicalismo de um movimento. O estereótipo do herói machista carrega uma imagem desagradável, enquanto a romantizada mulher combatente da liberdade tem uma imagem positiva. Os antimilitaristas não se importam tanto com a guerra civil quando as mulheres vão para o front. A mulher combatente é a redentora da luta armada: a revolução nasce do cano de uma Kalashnikov nas mãos de uma mulher. Sem mencionar a fantasia da vingadora feminina, empunhando uma arma por uma boa causa, atirando em machistas e

estupradores: o vigilantismo também é redimido quando está nas mãos de mulheres, como em *Ms. 45*, de Abel Ferrara, um filme de vingança de estupro de 1981.

Como tudo isso é centrado no Ocidente. Em muitas partes do mundo, as mulheres soldados eram e ainda são bastante comuns, às vezes em funções de combate e tropas de choque. Um batalhão de mulheres russas guardava o Palácio de Inverno em outubro de 1917. Na Segunda Guerra Mundial, o Exército Vermelho tinha mulheres motoristas de tanques, atiradoras de elite etc. As mulheres armadas são apenas uma raridade para a mente ocidental.

Acrescentemos que o exército de Assad e o ISIS também têm algumas unidades de combate só de mulheres. Mas como, ao contrário dos curdos, eles ignoram a crítica de gênero, não usam mulheres na linha de frente de combate, apenas em tarefas policiais e de apoio.

### **Um chamado às armas**

Não é de se admirar que alguns indivíduos e grupos, sempre propensos a denunciar o complexo militar-industrial, agora peçam para armar Rojava contra o ISIS, se lembrarmos que em 1999, na época da guerra do Kosovo, alguns anarquistas apoiaram os bombardeios da OTAN contra a Sérvia... para evitar o genocídio.

De onde e de quem virão essas armas? O proletário comum não tem nenhum fuzil de assalto ou granada de reserva para contrabandear secretamente para o Curdistão. Ele deve entrar em contato com traficantes internacionais de armas? Ou devemos esperar que as potências ocidentais forneçam armamento adequado a Rojava? As entregas já começaram em uma escala modesta. Devemos pressionar os EUA, a França e a Grã-Bretanha a fazer mais? Com que meios? As demonstrações libertárias não ressoam até a Casa Branca. E a que preço político para quem pede? Ninguém pensa em organizar novas Brigadas Internacionais, embora o ISIS já tenha as suas.

Então, quando as vozes pedem apoio militar para ajudar Rojava a enfrentar o ataque jihadista, do que exatamente estão falando? Ou é conversa fiada, ou só pode significar pedir mais ataques aéreos ocidentais. Como e onde? Bombas e mísseis raramente caem em uma coluna de veículos jihadistas no deserto e, com mais frequência, em um bairro controlado pelos jihadistas, com inevitáveis "danos colaterais". Não existem ataques cirúrgicos *limpos*. De acordo com o Pentágono, os ataques da coalizão mataram 6.000 combatentes do ISIS entre setembro de 2014 e janeiro de 2015. Um dia saberemos quantos civis curdos morreram ao mesmo tempo.

O massacre em massa obviamente não é o que aqueles que pedem "Armas para a resistência curda" realmente querem. Portanto, é conversa fiada. Uma atitude. Essa talvez seja a pior parte da história: que no Oriente Médio um esforço de auto-organização e autodefesa, genuíno, mas incapaz de transcender a si mesmo por causa de circunstâncias hostis, sirva na Europa e na América do Norte como pretexto para mobilizações e slogans que ninguém espera seriamente que sejam postos em prática.

Além disso, os aspirantes a realistas ignoram um fator importante. Certamente, a derrota militar condena uma revolução: a Comuna de Paris foi esmagada pelo exército burguês. Mas vencer uma guerra não é solução para um problema social não resolvido: a vitória bolchevique na guerra civil estabeleceu o domínio de uma nova classe exploradora. Supondo que as tropas do ISIS tenham sido imobilizadas por bombas e mísseis estadunidenses, franceses, britânicos, jordanianos etc., e supondo que o Estado sírio disfuncional tenha deixado Rojava sobreviver, que revolução poderia permanecer revolucionária se dependesse da ajuda de imperialistas e ditadores?

### **Radicalismo dominante**

Não estamos surpresos com a posição adotada por alguns grupos libertários que sempre apoiaram a liberação nacional. O que nos incomoda mais é o comportamento muitas vezes acrítico de um círculo maior de camaradas anarquistas, ocupantes, feministas, comunistas libertários e até mesmo amigos que sabemos terem sido mais criteriosos.

Esse meio é capaz de ter energia e iniciativa pessoal, mas há algo mentalmente fraco no que poderíamos chamar de seu "radicalismo dominante". Negativamente, isso poderia ser caracterizado por uma rejeição de instituições e mediações que se apresentam como obstáculos no caminho da emancipação: Estados, partidos, sindicatos, parlamentos, burocracia, também um "período de transição" intermediário entre o capitalismo e o comunismo, até mesmo a *classe, na medida em que* as classes se perpetuam em uma interminável luta de classes. Positivamente, ela se concentra na capacitação, na auto-organização, na democracia direta e na revolução da vida cotidiana, que se estende a todas as formas de dominação, principalmente a de gênero.

Como resultado, a desconfiança perfeitamente justificada de futuros e prometidos Mundos Novos se transforma em uma tendência a acreditar que o Amanhã é Hoje, desde que as pessoas já estejam mudando suas vidas aqui e agora e pareçam estar

se autogovernando. Ao mesmo tempo, a suspeita de políticas vindas de cima se transforma em uma busca por medidas concretas vindas de baixo, mesmo em pequena escala, desde que elas permitam que as pessoas reconstruam os vínculos sociais.

Muitos textos sobre o Curdistão consideram Rojava apenas do ponto de vista das realizações locais, do que os rojavanos conseguem fazer na rua, na escola da comunidade, na clínica do distrito ou no pequeno parque mencionado por Z. Bader (todos os quais seriam componentes necessários de uma revolução social), sem se preocupar muito com a liderança do PKK e do PYD, porque para esses analistas as realizações locais são mais importantes do que os líderes políticos e, de fato, determinam a política de Rojava. Sua prioridade é a dinâmica de baixo para cima, mas eles implicitamente interpretam Rojava como se a base *comandasse* o topo. O que poderíamos entender da Itália de 1977 se os eventos fossem vistos apenas sob o ângulo das assembleias gerais, das manifestações, dos tumultos e das declarações revolucionárias, com uma quase demissão dos sindicatos, do PC, da negociação política e das forças do Estado? Atualmente, Rojava é uma tentativa de construção de nação: os radicais a interpretaram erroneamente como construção de comunidade.

Antigamente, o marxismo e a extrema esquerda se concentravam na produção e no trabalho: tomar as fábricas, administrar a economia etc. Atualmente, a revolução é cada vez mais concebida como uma questão comportamental: autoafirmação, auto-organização, ênfase em gênero, ecologia, multicultural, reconexão, reunião, debate... A revolução é pensada em termos *sociais* e não *sociais*: a palavra foi expandida e seu significado restringido. *Societal* tornou-se moda com o desaparecimento das esperanças radicais. Societal é quando você não consegue transformar as estruturas sociais. A mudança social é acabar com a dominação masculina: a mudança social é a paridade sexual.

### **Que crítica ao Estado?**

Se o que embaraça os radicais na liberação nacional é o fato de ela ter como objetivo a criação de um Estado-nação, no momento em que um movimento nacional proclama ser não-estatista ou anti-estatista, e tem aparência suficiente para esse efeito, os radicais não se opõem mais à liberação nacional. Então, a única necessidade dos radicais é considerar que a nação - desde que permaneça sem Estado - nada mais é do que o povo, e quem poderia ser contra o povo? O povo somos nós, todos nós menos 1%, o povo é 99%.

Aqui, o pensamento libertário se encontra com um sanduíche a menos do que um piquenique.

A oposição direta ao Estado é um dos fundamentos da anarquia e seu mérito inestimável.

O problema é que a hostilidade incondicional ao Estado é compatível com uma perspectiva não revolucionária, ou seja, com uma visão de uma possível mudança evolucionária ampla. <sup>th</sup>Das três principais figuras anarquistas nascidas no século XIX, Proudhon, Kropotkin e Bakunin, apenas o último sempre defendeu a necessidade de um momento decisivo que romperia o continuum histórico, de uma ruptura destrutiva/construtiva com o passado. Proudhon era consistentemente hostil à revolução. Em 1899, Kropotkin chegou à ideia de que "(...) a resistência que o movimento encontrará nas classes privilegiadas dificilmente terá o caráter de obstinação obtusa que tornou as revoluções do passado tão violentas". Suas opiniões posteriores foram bastante ambivalentes sobre essa questão. Embora ele tenha mencionado um "período revolucionário", não está claro em seus escritos se as "agências construtivas de ajuda mútua" poderiam - ou não - crescer dentro do capitalismo e atingir uma massa crítica que as capacitaria a substituir quase naturalmente o sistema capitalista por um comunista. (Não é preciso dizer que o pensamento marxista desenvolveu uma tese semelhante de que o capitalismo se socializa a ponto de se transformar inevitavelmente em socialismo).

As abordagens progressivas passo a passo não são inconsistentes com o anarquismo. Portanto, não é impróprio que um gradualista como D. Graeber se autodenomine um "anarquista". Para ele, as comunidades transfronteiriças podem se desenvolver tanto que as fronteiras se tornam sem sentido e causam "a dissolução gradual do estado-nação burocrático". A palavra mais importante aqui é *burocrático*: quando qualquer coisa (trabalho, dinheiro, guerra, negócios...) é administrada *democraticamente*, sua natureza muda completamente.

A fraqueza do anarquismo é considerar o Estado acima de tudo como um instrumento coercitivo - o que certamente é - sem perguntar por que e como ele desempenha esse papel. Um Estado é um aparato administrativo e de garantia de segurança que mantém a coesão de interesses divergentes. Para os anarquistas, no entanto, o Estado é identificado, antes de tudo, com a autoridade vertical imposta. Uma vez que essas formas visíveis de restrição diminuem, é suficiente para alguns anarquistas (não todos, longe disso) concluir que o fim do Estado chegou ou está em

andamento. Uma força policial "horizontal" comunitária genuína, por exemplo, não será mais considerada polícia.

O libertário está indefeso contra o que se parece tanto com seu programa: como ele sempre se opôs ao Estado e apoiou a democracia, *o confederalismo democrático* e *a autodeterminação social* têm muito a lhe agradar. O ideal anarquista é, de fato, substituir o Estado por milhares de comunas federadas e coletivos de trabalho.

<sup>st</sup>Com base nisso, torna-se viável para um internacionalista apoiar um movimento nacional, se ele implementar a autogestão política, social e cultural, ou a "reapropriação do comum", na linguagem do século XXI. Quando o PKK insiste que não quer tomar o poder, mas contribuir para um sistema em que o poder será disperso para que todos compartilhem o poder, é relativamente fácil para o anarquista se identificar com essa reivindicação.

### **Perspectivas**

A tentativa de uma revolução democrática em Rojava e as transformações sociais que a acompanham só foram possíveis devido a circunstâncias excepcionais: o desmembramento dos Estados iraquiano e sírio, além da invasão jihadista, uma ameaça mortal que acelerou a radicalização.

Da forma como as coisas estão hoje, uma possibilidade é que o ISIS domine toda a área, o que causaria a dissolução de Rojava como um proto-Estado: A autonomia curda se resumiria a faixas de terra cada vez menores, bolsões de guerrilha, que era a situação em todos os países da região antes de 2003.

A segunda opção, e *agora a* mais provável, é que Rojava se mantenha firme com o apoio militar do Ocidente, e a república de Rojava sobreviva com patrocínio internacional suficiente para navegar nas águas tempestuosas de um Oriente Médio em crise (entre outros desafios, a guerra civil síria do outro lado da fronteira: paradoxalmente, enquanto o regime de Assad resistir, ele poderá agir como um aliado relutante e não confiável de Rojava, acrescentando mais uma série de incertezas). Esse país recém-nascido não seria mais independente do que o atual microestado curdo no norte do Iraque, sob a proteção do Ocidente: assim como o Governo Regional do Curdistão, Rojava só sobreviveria se jogasse o jogo das grandes potências e das grandes empresas.

O petróleo seria tanto um ativo quanto uma restrição. Para um país pequeno e frágil, geograficamente dividido em três partes, a riqueza do petróleo e dos minerais não

é nada sem compradores e aliados poderosos. No momento em que este artigo foi escrito, havia apenas um aeroporto em Cizire, sob o controle do governo sírio.

Esse seria o pior/melhor cenário. Por mais democrático que Rojava queira ser, e mesmo apesar da forte pressão popular, a consolidação e a normalização do país só promoveriam o que é compatível com a democracia burguesa, ou seja, o que não entra em conflito com o capital que contrata mão de obra, circula e acumula dinheiro, faz negócios com capital estrangeiro etc. O "socialismo em um só país" russo era impossível: o mesmo ocorre com o *confederalismo democrático* curdo, seja lá o que isso signifique. Todas as conquistas sociais com potencial subversivo serão interrompidas. Na melhor das hipóteses (o que provavelmente é pedir demais), haverá eleições relativamente livres, pouca corrupção, algum respeito pelos direitos humanos, autoadministração local para assuntos *locais*, um sistema de saúde pública melhor do que o dos países vizinhos, polícia moderadamente repressiva, educação progressiva, imprensa livre (desde que não cometa blasfêmias), um Islã tolerante e, é claro, paridade sexual, talvez com uma mulher como vice-presidente. Nada mais. Provavelmente o suficiente para que aqueles que querem acreditar em uma revolução de Rojavan continuem acreditando. Os devotos nunca são desencorajados pela realidade. Quando sua teoria é refutada pelos fatos, eles descartam os fatos. "Seja mais dialético!", dizem eles: "Desconsidere o presente: tudo o que parece ruim hoje era pior ontem, e estará melhorando amanhã..."

Quanto à perspectiva de um conflito entre os órgãos auto-organizados e o aparato que os supervisiona sob o olhar atento do PKK, isso nos leva de volta à questão: "Quem detém as verdadeiras rédeas do poder?" Não há "dualidade de poder" no Curdistão, nenhum controle proletário de baixo para cima competindo pelo comando com uma estrutura política de cima para baixo. A supervisão do PKK aceita coletivos comunitários autônomos que o deixam no comando das principais decisões e que apenas autogerenciam a vida cotidiana: o envolvimento da população local não altera o equilíbrio real de poder. Na Espanha, em 1936, o início de uma revolução foi devorado pela guerra. Em Rojava, a guerra prevalece e, apesar dos esforços genuínos dos proletários curdos para resolver o problema com suas próprias mãos, nada até agora anuncia o advento de uma revolução.

**G.D. & T.L., fevereiro de 2015**

Esta é uma versão muito ampliada de *Kurdistan?*, publicada em francês no blog [ddt21.noblogs.org](http://ddt21.noblogs.org).

### Para ler mais

Leitura essencial:

Lato Cattivo, "*The Kurdish Question*" (*A questão curda*), *ISIS, EUA, etc.*, 2014

Becky, a partir *do momento da coerção: Cizire Canton, Rojava. A Revolution in Daily Life*, dezembro de 2014 (originalmente escrito para a revista *SIC*)

Também:

Zafer Onat, *Rojava: Fantasies & Realities*, [servetdusmani.org](http://servetdusmani.org), 201

Internationalist Communist Tendency, *In Rojava: People's War is Not Class War*, [leftcom.org](http://leftcom.org)

Vários textos estimulantes no site Tridni Valka: [autistic.org](http://autistic.org)

Partido Comunista Internacional, *Proletarian*, nº 11, inverno-primavera de 2015

Ch. Glass, "In the Syria We Don't Know" (Na Síria que não conhecemos), *New York Review of Books*, 6 de novembro de 2014

*The Continuing Appeal of Religion (O apelo contínuo da religião)*, troploin, 2006

Kropotkin, *Memoirs of a Revolutionist*, 1899, conclusão. O último discurso público de Marx em Amsterdã, em 8 de setembro de 1872, expressou uma visão semelhante sobre a Grã-Bretanha e os EUA.

Kropotkin, *Anarchism*, 1910, [marxists.org](http://marxists.org)

G. Woodcock, I. Avakumovic, *Peter Kropotkin. From Prince to Rebel*, Black Rose Books, 1990

D. Fromkin, *The Peace to End All Peace: The Fall of the Ottoman Empire & the Creation of the Modern Middle East (A queda do Império Otomano e a criação do Oriente Médio moderno)*, Avon Books, 1999

BBC News, *Battle for Iraq & Syria in Maps*, janeiro de 2015, [bbc.com](http://bbc.com)

Crentes em uma revolução em Rojavan:

D. Graeber, *No. this is a Genuine Revolution*, 26 de dezembro de 2014

Zaher Baher, *The Experiment of West Kurdistan (Curdistão sírio) has Proved that People Can Make Changes (O experimento do Curdistão Ocidental (Curdistão sírio) provou que as pessoas podem fazer mudanças)*, agosto de 2014, [libcom](http://libcom)

Janet Biehl, *Impressions of Rojava: A Report from the Revolution*, 16 de dezembro de 2014; e *Poor in Means but Rich in Spirits*, Entrevista, 23 de dezembro de 2014

Sardar Saadi, *Rojava Revolution: Building Autonomy in the Middle East*, julho de 2014,  
roarmag.org